

João Antônio

Abraçado ao meu rancor

POYNT COPY

PASTA Nº 327 - A

Cosac & Naify

© João Antônio 1986
© Cosac & NaifyEdições 2001

Capa: Raul Loureiro, com fotografia de André Arruda
Projeto gráfico: Raul Loureiro
Preparação: Celso Cruz
Revisão: Nelson Luís Barbosa e Fábio Gonçalves

Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da editora, exceto quando para fins de crítica ou resenha.

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional)

Antônio, João

João Antônio: Abraçado ao meu rancor,
São Paulo: Cosac & Naify Edições 2001
ISBN 85-7503-055-8

1. Literatura do Brasil
2. Literatura brasileira
3. João Antônio

CDD 869B

Cosac & Naify
Rua General Jardim 770 2º andar
01223-010 São Paulo SP
T (55 11) 255-8808
F (55 11) 255-3364
info@cosacnaify.com.br

em lugar nenhum. Uma maravilha, em especial, o encafifava. Todos os gerentes de bancos prometiam facilidade, jovens, bem-vestidos e melhor falantes, bons cidadãos em dia com o imposto de renda, e insistiam em esclarecer que os estabelecimentos bancários eram uma espécie de segundo lar. Estendiam sua proteção a todas as criaturas desvalidas.

À tarde, o cara fora quase escorraçado e corrido de uma agência bancária, porque insistira, três vezes em uma semana. O gerente mal-humorado, sem o olhar nos olhos, despachara um definitivo:

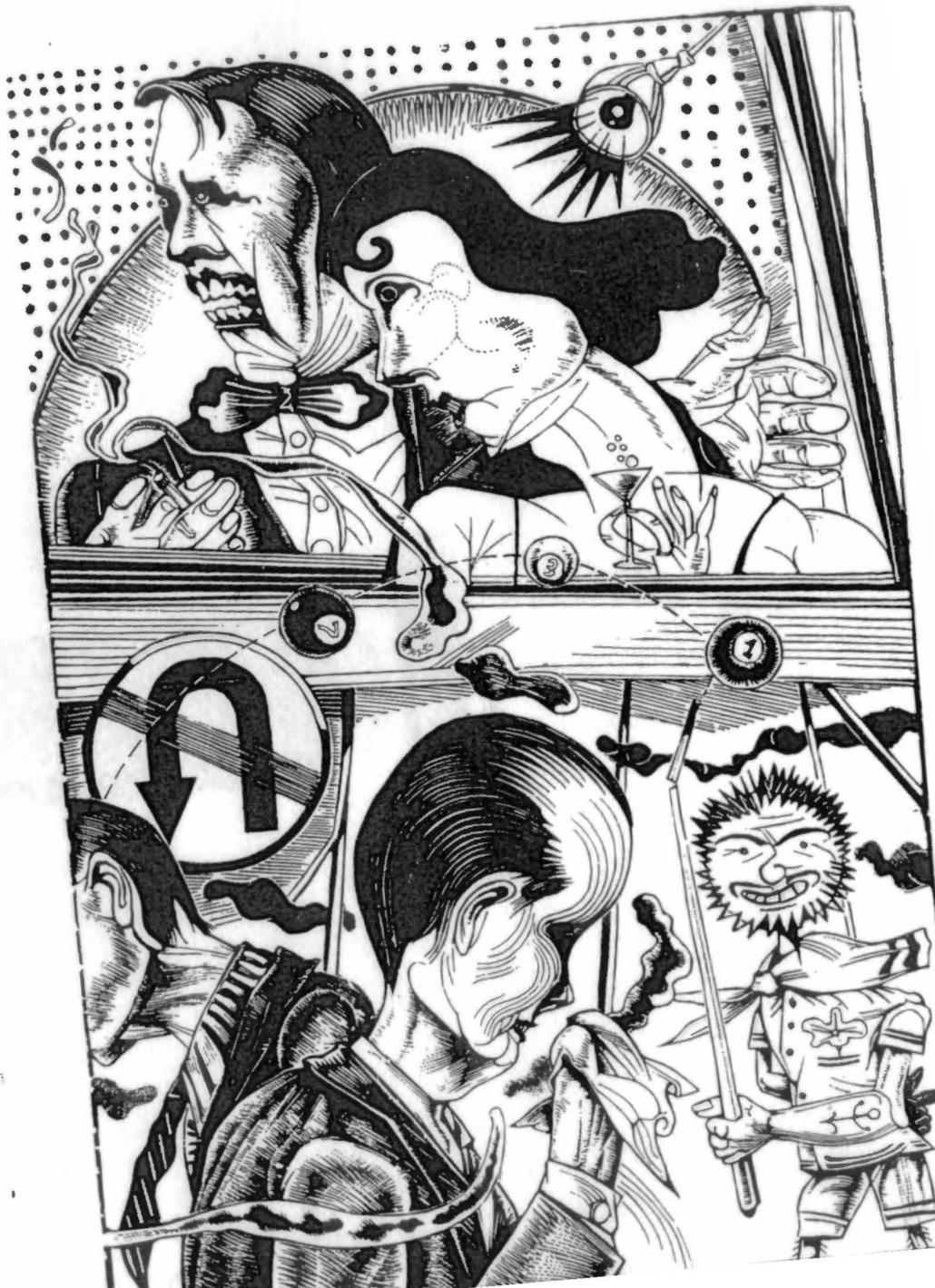
— Mas o senhor não tem um saldo médio satisfatório.

O calor na entrada da noite fazia o tipo suar na testa e na nuca, enquanto a família aconchegada olhava o maravilhoso comercial da televisão. Tudo ia bem.

Até hoje não se explicou a atitude do herói.

Um vizinho maledicente, desses que bisbilhotam o que não é de sua conta, espalhou à redondeza que aquilo fora causado por uma briga de marido e mulher.

Diante do comercial do banco, tão cordial, protetor, risonho e amigo, Jacarandá sacou seu 38 e disparou bem no meio da cara do gerente.



“A minha alma é de bandido tímido.”

Lima Barreto – *Marginália*.

“Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.”

Gregório de Matos – um soneto em que o poeta se queixa que o mundo vai errado.

Por onde andará Germano Matias? Magro, irrequieto, sarará, sua ginga da Praça da Sé, jogo de cintura da crioulada da Rua Direita? E o que foi que fez, maluco, azoado, de seu samba levado na lata de graxa?

É andar. E andar.

Osasco, Lapa, Vila Ipojuca, Água Branca, Perdizes, Barra Funda, Centro, Pinheiros, Lapa, na volta. Roteiro é este, com alguma variação para as beiradas das estações de ferro, dos cantos da Luz, dos escondidos de Santa Efigênia. Também um giro lá por aquele U, antigamente famoso, que se fazia entre as Ruas Itaboca e Aimorés, na fervura da zona do Bom Retiro.

Alguém, importante, buliu nos papéis aqui, além, provavelmente em Brasília. E o turismo oficial paulista se tocou.

Quer arrotar que funciona. Promete descontos aos turistas que venham a São Paulo nos fins de semana. Trata de envolver restaurantes, boates, teatros e casas de samba. Os preços cairão, atraindo. Um *slogan* pula, entre os mais, um luxo: "No próximo fim de semana o Rio vai ficar cheio de paulistas. Fuja pra São Paulo". Só não rasga e diz logo que, para o carioca, paulista é um chato engalochado. Grave, afobadinho, de ginga pouca e

duro das juntas. E, para paulista, carioca descansado é marrom de sol, parece viver em férias. Nem considera que essa briguinha ranheta nos aporrinha por repetição monocórdica. Já não se sabe se é teimosia ou burrice. Dos dois lados.

Mas folhetos gritam. Quatrocentas boates, quinze casas de samba. Restaurantes onde se bebe e se come como em nenhum outro lugar da América do Sul. Apoderam-se indebitamente de palavras de escritores famosos. E malham. No fecho de um deles, num salamaleque, vem um remate estendido aos boêmios. Fricotado. “Na noite de São Paulo você esquece que o dia vai nascer.”

Uma tarde, mais para depois do almoço do que para a hora do lusco-fusco, corria o vento quente pelos prédios e encardidos lá da Rua Riachuelo, no bairro de Fátima. Aborreçia. Nós embromávamos lerdamente entre as mesas e os papéis amassados pelo chão. Um assoalho batido, ruço, gasto, feito resto estropiado da faina.

Noutro tempo, bem outro, a redação fora um lugar de entusiasmo, rumor e movimento. Isso, sem a ditadura. Agora, transpirava-se nojo, derrota e, pior, um nhém-nhém-nhém, um chove-não-molha dos capetas. Ali, nos mexíamos como porcos-espinhos ralando-se para viver. Sair para a rua, a trabalho, era um alívio.

— Segura, que é tua.

Suado, os óculos fora do nariz, barriga pendendo de uma nesga, da camisa lá no umbigo, a prancha de pautas na mão, o chefe de plantão me catou com um grito, como de costume. Estava escalado. Caiu-me a promoção paulista, o tal recorde brasileiro do turismo de negócios. E me tocasse logo.

— Te adianta.

Estou aqui e rondo esta umidade, revirando este frio, faz cinco dias. Cubro a programação oficial com o embrulho velho no estômago. Velho mas suportável, diga-se. Pensar que isso vai durar uma semana de coquetéis, falações, visita aos restaurantes da moda, discursseiras, paletós, gravatas, passeios oficiais. Nem foi para samba que me trouxeram do Rio. Mas desguio da manada, tão logo posso, o mais que posso. E tento ganhar, reaver a cidade.

A cidade deu em outra.

Deu em outra a cidade, como certos dias dão em cinzentos, de repente, num lance. As caras mudaram, muito jogador e sinuqueiro sumiu na poeira. Maioria grisalhou, degradingolou, esquinizou-se para longe, Deus saberá em que buraco fora das bocasdo-inferno em que eu os conheci. Ou a cidade os comeu.

Mas o espírito, o mesmo. Dureza, rebordosa, de déu em déu, frio, tropel, sofrência, ô solidão de cimento armado e quanto se enfia represado e se enrosca e se intrinca, cinicamente ou desnortado e sem solução — transportes, serviços, inda mais para

além da Lapa, no pedaço de Presidente Altino, Jaguaré, Anastácio, Morro da Geada, Osasco. Quanto e quanto muquinfo, ô Deus, e bocada e miserê nas beiradas das estações da Sorocabana. E já nem sei quanta vez só os deixava, sonado, nos primeiros clarões da manhã ao baixarem as portas para fechar. E me tocava, lerdo, lesado das pernas, a catar o primeiro café do dia. Não média-pão-e-manteiga. Café. Café puro. Café café.

Eles podem. Bem podem os majorengos trocar o nome de Sorocabana para Fepasa, diabo a quatorze ou o lero besuntado que entenderem. Para mim, é Sorocabana. Onde a vida dificultosa rebate continuada e feia como a necessidade. Gentes molambentas, caras enrugadas, pescoços de galinha, peles de fuligem de quem trabalha no puxe encalacrado e se raspa para viver. Ou escapar com vida, livrar a cara nesta selva complicada. Complicadinha.

Viver. . . Viver é assim, aturdir-se? Aqui se batalha e aqui não se pára. É preciso, hoje mais amanhã, se aturdir pelo trabalho. Assim fazem as pessoas e será provavelmente para se esquecerem de que vivem aqui. E bom não é. Mas viver é isto?

Esta profissão não presta. Com o tempo, você vai empurrando a coisa com a barriga, meio pesadão. Sem qualquer alegria, garra ou crença, cutucado pela necessidade da sobrevivência. Apenas. O pior, se existe um, é que esta ocupação sovina e instável acaba como que atraindo azares, vícios, mortificações e levantando desejos de destruição, pespegando sentimentos culposos. A bebida, alguma esbórnica, outros empurrões que se tenta dar nessa consciência só fazem afundar mais o poço.

Muita vez, tenho achado. Devo já estar no fundo dele. E, assim futricado, só escrevo porque tenho uma consciência culposa. Um homem limpo vai para casa e dorme. Ou vive, ama. E não há fantasmas que o atormentem. Um homem de bem dorme.

Dez da manhã. Ontem, porre; ressaca, hoje. Há quanto tempo repetes esse ritmo, hem, camarada? Nevoeiro na cabeça, dor, olhos inchados, pouco me adiantariam os óculos escuros. Nem a cidade tem luminosidade para tanto. Refrigerantes e água. Na manhã, você já bebeu aí perto de uns cinco copos. Nem contei. E estes comprimidos não estão resolvendo nada. Você trinca nos dentes o celofane e vai abrir um novo maço. Fumo. Não devia e fumo.

Com honestidade, garra e jeito vivo, a profissão seria magnífica. Linda.

Carrego um peso, ainda que vago, permanente; e se me ponho nos táxis, é com aborrecimento. Detestável ir a todos esses buracos, desentocaiar vagabundos, localizar salões de sinuca e me mover de carro. Devia tocar de ônibus, que os bondes se sumiram, o asfalto cobriu os trilhos como cobriu os paralelepípedos.

Eu que me mexa pelos trens suburbanos ou pelos ônibus tão lentos desta cidade. Ruins, enormes, cheios, onde se fala pouco. Mas será, pelo menos, decente ou limpo com esta gente, afinal uns pobres-diabos sem eira nem beira, sobrevivendo Deus sabe. Diacho.

Quando os conheci e gostei deles, quando me estrepei e sofri na mesma canoa furada, a perigo e a medo, eu não tinha esses

refinamentos, não. Mudei, sou outra pessoa; terei tirado de onde estas importâncias e lisuras? De teu pai não foi, mano. Também é verdade que, agora, visto na moda e não simples. Meto antes as roupas que, só depois, chegarão aqui e ando tostado de sol, areias, mar.

Mas quem de amigo, desafeto, fariseu, estranho, camaradinho, perguntará? Ninguém perguntará o que me dói.

Ela redói. A cidade me bate fundo aqui e o que me irrita foi me passarem, empurrarem, ontem no coquetel, antes do porre, um folheto colorido, publicidade de turismo sobre ela. Quem a conhece que a possa açambarcar tão, tão simplesmente?

De mais a mais, como não me irritar com uma gente que tem hora e dia certos até para os porres? Sexta-feira se bebe, confiando-se na semana inglesa. Sexta-feira, dia de bêbado amador, do papagaio enfeitado, do bobo-alegre. Quem bebe na quarta ou segunda – irresponsável, alcoólatra, raridade. É isso que a minha companheiragem, hoje cheirosa e lustrosa, engravatada e bem-comportada, pensa, diz, imputa. E cobra dos parceiros.

Da boca pra fora, vá. Aturo. Mas, cá dentro de mim, chega. Se o coração não tem festa, que adianta ser Natal, Ano-Bom ou o diabo?

Ontem, o coquetel. Reunindo promotores do encontro, publicitários da campanha do turismo de negócios e autoridades da terra foi um festival de parasitas, pulhas e bonifrates. A canalha ali conluiada de pulhas, piolhos e putas. Ou, mais justo, um conchavo sem a dignidade daquele mulherio que se vira na

peleja das ruas, catando homem, chamando “vem cá, moreno”. Mas enfrentando a barra de cara limpa. Rancor por dentro, mas cara limpa. Jogo franco em que vendem apenas o corpo.

Festival de piolhos. E eu me mexendo no meio daquilo. Só bebendo.

Um cinismo grosso, um farisaísmo, o papel acetinado, vistoso, encorpado, brilhante, colorido em quatro vezes quatro mostra uma cidade que não existe. Os braços dados pelas secretarias daqui e do Rio, supermercados, boates, hotéis, lojas. Até *hippies*, que lá na terra de origem talvez tiveram alguma função. Quem sabe. Aqui não passam de arremedo que já nos chegou atrasado. Falsos *hippies*, de butique. Conseguiram engambelar escolas de samba e dois clubes de futebol, que enfeixaram na jogada oficial. Num momento assim, o país fica dodivanas e a festivalança come largada, solta, se escarrapacha gorda e frouxa. Sei. Quem não sabe? Depois, vamos e venhamos. Não é esta ou aquela cidade brasileira a mais ou menos provinciana. O país é. Como um todo: um arremedo. Provinciano da cabeça aos pés. Sei.

E engulo, de certo modo me omito, assisto. Meu avô, vindo de Trás-os-Montes, fosse vivo, fecharia a mão quadrada, lanhada, de carpinteiro – os antebraços enormes – e lhes chapoletaria na cara. Provavelmente mais brasileiro que eu:

— Andam aí a pular e a cantar. Olha os ladrões!

Ratatuia, cambada, patuléia. Aborrecem-me, que os aturo. Eles faturam. Mas como na mesa deles, engulo e sinto a bebida deles. Até a sinto e, de porre, gosto. Muita vez, noto. Vou crian-

do casca, creio que me ensinaram a sorrir na moda, profissionalmente e sem ter vontade. Boa corja é. Mas vou cordial, cordato, milimetrado, direitinho. Ou, se convier, ouço com paciência astuta uma besteira atrás da outra. Afinal, num festival de bonifrates misturados a cartolas e grandalhões, asneira também pode valer como espírito. E há quem dê a isso o nome de elegância.

“Compre em São Paulo o que o mundo tem de melhor.”

Os baianos camelam arrepiados de frio, assustados de frio, estranhando o frio. No Morro da Geada, depois da várzea de Presidente Altino, venta bravo nas noites e, nas madrugadas de muita friagem, no morro costuma gear. Nem os pernilongos saídos das águas empoçadas agüentam. As mantas feias e ralas de flanela cinza rampeira, compradas barato na feira dos domingos do Jaguaré, não impedem a umidade que vara as paredes dos barracos feitos de caixotes vazios de sabão e bacalhau. A baiana-da toma frio até os ossos. Mas se gente como o povinho de Presidente Altino e do Jaguaré mal tem para comprar o arroz-e-feijão com que se tapeia?

“Compre em São Paulo o que o mudo tem de melhor.”

Aquilo ferve atopetado de nordestinos, a quem se xinga de baianos. E, nisso, o Rio não é melhor. Só muda o xingo e o escárnio e os emigrados passam a ser paraibas. Chegam às levas, arrepiados, a camisa do corpo, nas carrocerias dos paus-de-arara, como bichos esfaimados e tangidos. Pudessem comprar e não haveria homens e mulheres tremelicando nos casebres e barracos. Os baianos moram, se atucham, se escondem nos barracos onde

lavam e cozinham um feijão puro, sem carne ou outro mantimento. Puro com água. Nem haveria crianças caindo de meningite pelas beiradas de Osasco, pelos Jardins de Abril, Buracos Quentes, Jardins Rochedales. . . Chegados, trabalham no frigorífico, na serraria, nas construções. São corda e caçamba. Pegam a trolha que ninguém agüenta, de mondrongo e candango, que não têm qualificação nenhuma. Usados para tudo. Viram mantanceiros no frigorífico, partem para as câmaras frias, vão como ajudantes de pedreiros nas obras ou, pás na mão, na bocarra das caldeiras. Muitos. Moram em turmas, metidos, espremidos nos barracos e ficam assustados quando é noite. Nem sempre têm cama, tarimba. Dormem acorados nos cantos, sentados como viventes friorentos. Lá de onde vieram, norte ou nordeste, Deus sabe, não tinha frio desse, não. Mas pegaram a sair, empurrados pela fome. Puxados. Alguns agüentaram até o último e tiveram de se mandar. Dias nas carrocerias dos paus-de-arara.

Um muquinfó desses, o Buraco Quente, é bocada de sacrifícios e disso, de quente, só tem o nome. Pois, os majorengos nem quiseram saber. Padrecos unidos a políticos mudaram-lhe o nome. Acharam indecente. Aí, Buraco Quente se chamou Jardim Beija-Flor. Continua sem saneamento básico nas ruas de terra. E vai de nome trocado.

Domingando, padreco no sermão, aborrece e admoesta os que não aprenderam ainda, nem se acostumaram ao nome novo.

Muita vez, pulo desses a outros pensamentos. Parece-me que comecei direito no jornal. Agora, meio corroído, acabarei sabujo.

Nada. Provavelmente, desde o princípio, eu tinha pouca têmpera e me julgava grande coisa, mas já dando alguns sinais, ainda que vagos, de aceitação. Outras vezes, creio que esta profissão é que me obrigou a isso, sequer chefiada por pessoas que prestassem. Um trabalho capacho, inútil. Nas regras do jogo. Permitido, comportado, manipulador.

Dentro do Martinelli, procuro um salão de bilhares no andar térreo, o Mourisco, grandalhão, dos espelhos laterais do tamanho de um homem. Onde funcionavam, certos e terríveis como relógios, sonsos e dissimulados, uma ciência de precisão, sinuqueiros de nome – Brahma, Tarzan, Itapevi, Calói, Estilíngue, Boca Murcha...

Levo, de chofre, um frio na barriga. Não existe, não barulha mais. Nem o salão, nem as majestades. A fortaleza, o estilão à *Mussolini* que um dia, já longe, um dia, o maior edificio paulistano. Eu sei e eu jogo os olhos para os lados escuros onde, paralelo ao corredor, se plantava o Mourisco, e envieso para outro canto. É que me começa, vindo lá de longe, o eco longínquo das bolas se batendo no pano verde. Subo. Que o elevador me leve. Mas ele é uma caixa imunda, e o ascensorista, andrajoso, encolhido, pele enferrujada. Meu coração batendo.

Bolas vêm vindo e vão indo, barulham e se chocam, formam combinações e fazem colocação para a branca. A ponta do

taco, a cabeça toca na branca e bate macio, é bonito, vai que vai embora a branca, coloridamente, que se multiplica em duas, três, quatro, seis cores. Amarelo, verde, marrom, azul, rosa, preto.

As cores das outras bolas com que a branca se choca nunca mais você verá no Mourisco. Nem nada. E o que você viu, viu. Não mais.

Hoje, os ratos, fedor vexatório, lixo pelos corredores, fala-se em interdição. Velhos moradores vão aos jornais, pedem socorro. Nem justiça pedem, com essa nunca contaram. Desço. Vou sabendo que a nossa justiça é cega, lenta. E coxa. Olhem o que foi feito do Martinelli. Escuro, penumbra ensebada, abafada e restos, mofo.

Lá no décimo andar, cinco minutos de reclamação, lamúria, chiados de uma velha inquilina, sacola de pano na mão, dizendo-se viúva e avó de uns netos no Tucuruvi. De óculos, esbranquiçada, fala e refala como se fosse para si mesma, me ignorando.

E desço. Tenho de ganhar a rua, mesmo fria, mas com alguma claridade. Barulhento, roncando baixinho, o elevador arrasta-se lento, fedendo a bolor. Carrego a ressaca e tento empurrar para longe um quê de culpa, desvio da avó que choraminga os netinhos bonitos, enquanto leio o folheto turístico.

“Em São Paulo você faz negócios da China.”

Empanturrado ontem e bebum, no coquetel, escarnei e, de voz empastada, eu disse classe merdeia. Com este embrulho no estômago, pesadão e ressacado, pertencço a que classe senão a ela?

A que usa óculos escuros para tapar a lágrima, o luto, a esbómia.
E o caráter. Não, os comprimidos não estão me adiantando.

No coração da cidade

Hoje mora uma saudade,

A velha Praça da Sé,

Que é de tradição.

Ai, que saudade,

Da batucada feita na lata de graxa. . .

Até o engraxate

Foi despejado. . .

. . . Só restou recordação.

Onde enfiaram os sambas de Germano Matias?

Outra idéia amarga me vem. Todos os ditadores, eficientes e poderosos, usam óculos escuros.

Como vão as coisas neste país adjetivo, preferível e menos desastroso o sujeito ser apenas jornalista. Com o correr dos anos, perderá duas coisas e só duas. Embora, é verdade, propriedades que um homem só perde uma vez. O tempo e a vergonha.

Mas o sujeito vai aprendendo a se tapear. Engambela-se, se ilude e jogá para dentro de si pensamentos outros. Vai empurrando a vidinha morna com a barriga.

Pior é, no país, o sujeito que, escritor, se mete a também jornalista. Aí, perderá potencial maior – o tempo, a vergonha, o talento e o estilo. Além, claro, de correr outros riscos sérios da

dor inútil. Bate-lhe o envelhecimento precoce, a velhice íntima, baixa-lhe impotência, medo, mais as deformações e vícios pequenos da classe média. Porque esse tipo de infeliz será sempre um animal bufo da classe média. Vai bufanear o tempo todo para ela – e jamais orbitar fora do alcance dela – e se iludir, ardiloso e frenético, pelos bares a dizer, só depois de bebido, que não pertence a ela. Virou até moda, por exemplo, a proclamação de que se é um marginal da classe média. Ou merdeia. A segunda forma, num tempo em que o jogo de palavras e o uso da palavra passaram a valer como sinal de talento, é mais elegante. Merdeia. Podendo grafar isso, então, é o fino do espírito. Atualizado, renovador e progressista. Compõe bem. Soa a criativo. E, útil, começa a faturar, o que é conveniente e de oportunidade boa. Que um escriba avisado não perde, claro.

Mas da classe média você não vai escapar, seu. A armadilha é inteiriça, arapuca blindada, depois que você caiu. Tem anos e anos de aperfeiçoamento, sofisticação, tecnologia, ah o cartão de crédito, o cheque especial, o financiamento do telefone, da casa própria e do resto da merdalhada que for moda e, meu, sem ela você não vive. Não respira, é ninguém. Ou melhor, é nada: você já virou coisa no sistema. E não pessoa. Dane-se! Futrique-se, meu bom, meu paspalho, pague prestação pelo resto da vida. E o carro, é preciso carro. Os donos da arapuca querem você comprando. Compre. E de carro. Ande de carro, ouça música e veja filmes no carro, coma no carro e trepe ali. Namore, noive e ame ali, enquanto vê os filmecos dos *drives*.

Todos os leros. Todos os embelecocos, do automóvel ao secador de cabelos, principalmente você deve comprar o de que não precisa. A tevê vai te comandar a vida, meu chapa. A cores. E destas regras do jogo não vai escapulir. Bufanear a classe média, pa-jear, aturar e ser como ela. Quer queira, quer não.

Afinal, já não está em tempos em que possa pensar com a sua cabeça. Ô, meu, você é só manada. Bem pequenininho, lá, no meio da manada. E quieto, bom comprador. Esbirro, sabujo, capacho.

Se você não quiser, ó, vai chorar sozinho, no canto. Mas procure o canto mais escuro para não encher a paciência dos demais.

Sem estrilo, companheiro. Nada de cara de vômito, que você não é de vomitar. No fundo, você é de comer, mamar e digerir no bem-bom. Come e arrota, como muitos outros.

Psiu. Não seja farisaico. Não adianta simular que vai vomitar até os sapatos. Não vomita nem o porre de ontem no coquetel dos pulhas, bonitinhos e bonifrates. O seu caso é escrever o que os homens mandam e os poderosos querem. Ou para que pensa que é pago? Achava que sairia inteiro dessa complicada?

Ora, sequer é profissão de pessoas decentes.

Nada. Não complique. É uma ocupação que, se feita com limpeza, seria limpa.

Ganho o Vale do Anhangabaú. Vai, não vai, não e sim, entupido de gentes, pouca árvore, carros, ônibus, motocas, viaduto, viadutos,

acima do nível, abaixo, minhocões ameaçam, tomam. Susto. E medo. Para que, como sempre, tanta correria e onde está, onde fica, afinal, o lugar do pedestre? Carros roubaram. E motocicletas roncam. Os carros vão firmes em direitura. A quê?

As calçadas apinhadas. Aflita e suportando filas, gente e mais gente se acotovela, se esbarra, se peita, se empurra. É pressa, a cidade tem. Gentes. Aqui os lentos não têm vez. Ela os engole e os substitui, num golpe.

Mas que eu não a achincalhe, afinal, fonte de ternura e, no fundo, comoção de antigamente, ela é uma cidade. Todos têm a sua e nasceram numa. Esta é a minha, queira ou não. Mais que geografia, um modo de vida.

De mais a mais, tem que tem um quê. Que outras serão melhores se a elas também carregou o meu bando de espetos íntimos? Se eles não me largam, nem nas praias? Necessário alguma tolerância.

Ou serei eu quem não os larga?

Mudou, decaiu, enfeiou trocando de cor e de povo o Largo do Correio. Ficou sendo dos malvestidos, descorados, mulherio fazendo vida à luz do sol e vendedores chuíes. Da molecadinha esfarrapada e miudamente pedinte, insistindo. Dos bancos de desocupados e tristes.

Sei lá, sei lá por quê. Estou me lembrando de uma letra de tangaço. Carregada. E em que o osso, o buraco e o nervo da coisa ficam mais embaixo. Diz, corta, rasga que me quero morrer abraçado ao meu rancor.

Viração de mulheres às dez e meia da manhã. Eu ensaio um descaso, passar ao largo. Mas o mulhério maldormido, inchado de sono e empetecado de pintura, está de pé contra uma parede. Pouco circula, os olhos na rua e na polícia.

Tento me mandar em linha reta e uma das criaturas me bate os olhos. Já me viu. É parda, desancada e banhuda como a maioria das companheiras. Pendura uma carteira de notas no cinto, à altura do umbigo, e tem sapatos cambados, precisando meia-sola. Parece despachada e resolvida. Mete uma das mãos nos quadris e dispensa, aos gritos, a conversa de uma outra querendo saber as horas:

— Agora estou ocupada. Não vê qu'eu estou trabalhando?

E me encara, chamamento, quase uma súplica nos olhos apereados. Mais tímida que descarada, diferente da que aguardei:

— Diga, minha estrela boa. Vem cá.

Eu me raspo, pequeno.

Desguio, tomo a Avenida São João, vou vencendo, a cada passo, cautelosamente, fugindo. Impossível imaginar, há alguns anos, que veria a putaria fuleira chegar ao Largo do Correio. E na luz da manhã.

Trim-trim. Havia o bonde Anastácio. Varando na volada, a mão do motorneiro no ponto nove da caixa, varando, trim-trim, a reta da avenida. Boa, era a avenida. Um bonde aberto, de estri-

bos, não os camarões fechados e quentes, vermelhos, sufocando a gente lá dentro. De estribos, comendo no ponto nove, zunindo, pegando os lados da Ipiranga, acelerado. Para o moleque saltar lá da frente e repegar andando, suas calças azuis de escola, de que aparecia o joelho direito, rebelde sempre esfolado.

Pilhado, fulo nas calças grossas de flanela azul, quepe também marinho e notas miúdas dobradas entre os dedos, o cobrador lhe mete dois olhos. Vai gritar moleque.

O vento me bate na cara, salto de enfiada e o homem fica na saudade.

— Eta, batuta!

Como tinha pernas...

Claramente, agora, se vê do Anhangabaú ao bar do Jeca, caipira lá em cima do luminoso cachimbando, um comércio caído. Amesquinhou-se, descambou para lojas ordinárias que arrelham e esparramam mixórdias, aborrecem basbaques, curiosos e passantes, aos gritos escancaram e dependuram penduricalhos, eletrodomésticos, aparelhos de som, trololós, roupas, calçados, discos. Nada disso me grita.

Tento sentir e reter a dignidade que, firme, se agüenta viva, velha, na calma relativa da manhã do Largo do Paissandu, a igreja no centro. É igreja dos negros, da crioulada, e fico num momento de simpatia. Ao lado, a estátua da mãe-preta. Fecho os olhos tontos e imagino este lugar noutros horários. Assim, à tarde, o que resta de pardais na cidade meus olhos veriam neste Largo do Paissandu.

Meus olhos não encontrariam mais, à porta do botequim apertado, sujo da esquina, Germano que fazia ponto àquela hora, antes do lusco-fusco. Chapéu pequeno, branco e malandrecado na cabeça de sarará.

À roda, o pessoal do rádio, do circo, das gravadoras, os compositores sem dinheiro e os algo endinheirados e sem composição, chamados, pelas costas, compositores. Uma que outra mulher, mulata ou neguitinha, companheira ou aspirante a essa coisa da música. Gostava de louras, boquejavam. Por que se escondeu Germano Matias, saído sambista e malandresco, repinicando na lata de graxa? E aprendeu onde, com quem? Lá no Largo da Banana, dos carroceiros, do bebedouro de burros, das empregadinhas que subiam de braço dado para a Alameda Olga e para a gafeira do Garitão e ensaios da escola de samba, do pessoal da vida suada da estrada de ferro? Ou o sarará aprendeu descobrindo, sozinho pegando, prendendo aquele repinicado da lata de graxa?

O primeiro copo é o primeiro. O primeirão, único inconfundível. Sei. E tenho a garganta seca a esta hora da manhã. Já estou prelibando.

Entro, vou rebater a ressaca. Chope, peço. Nenhum esforço em resistir, mesmo antes das onze horas. Tenho dito, com algum rompante, que a profissão faz alcoólatras, jogadores, impotentes, solitários empedernidos ou viciados na gula da mesa e do poder e, por isso, rodeados de inimigos, detratores e desafetos por toda a parte. Gentes, de comum, com a família dançada e lacunas den-

tro de casa. Falo demais. Tenho a língua esperta, algum poder de verbalização e outros leros.

Provavelmente, só por si, a profissão não faça essas desgraças e devastações, mas, sim, os infelizes que a procuram, fracassados em outros meios, já chegam a ela doentes, impregnados, neurastênicos, ansiosos, atrapalhando-se com espectros e manias. Isso. Agora, a profissão apressa bem esses processos.

Nem pode haver ocupação mais provinciana. Os redatores gostariam de ser intelectuais de letras, fortes pensadores, como julgam ser os lá de fora: um Malraux, um Camus, um Sartre. Os repórteres, alguém aí parecido com Jack London ou Hemingway, que julgam terem vivido grandezas aventureiras. Os diagramadores adorariam chegar a artistas plásticos, famosos e ricos, além de disputados. Já os fotógrafos sonham com Buñuel e Bergman. Todos. Ou quase, que nem todos poderiam fazer a profissão com nojo igual.

Dos poucos botequins que resistiam, este Ponto Chic. Onde nasceu e fez glória nacional um tipo de sanduíche, o bauru, que eu comia quietamente, rapaz de dinheiro curto. Bebia com cerveja preta, como mandava e queria a roda boêmia. Depois, só depois, o chope gelado, violentamente. Que fazia fumaça à beira do copo.

Puxa, o lescó-lesco do sarará na latinha de graxa, ô batida de preto fino!

Dou por mim. Estou atirando os olhos famintos num espelho lateral e buscando que buscando um conhecido. Ninguém. Fácil entender, amuado. A freguesia não tem mais artistas e nomes consagrados do turfê, da vida comercial, do teatro, circo, rádio, jornal. Antes, juntava, fazia agitação. Gente anônima, agora. Também, já não sei onde anda ou faz ponto artista algum desta cidade. Aí, desenxabido, brinco de mim para mim: não é mais ponto, nem chique. Logo, aborreço esse exercício de palavras. Não mais a presença de um Sérgio Milliet que, tímido, eu olhava de longe. E de Pagano Sobrinho. Mortos. Silenciaram suas marcas boêmias, livres, invejadas, destoantes. Pessoais. Teriam sabido, em vida, serem sujeitos nunca bem cabidos nesta cidade?

Rapaz, eu não sabia. Já sei, já, outras remandiolas. Conheço, por exemplo, que em quaisquer casos, o escriba – mau escriba e bom fariseu – terá de sobreviver de sobejos, engolindo sapos. Mumunhas. Humilhado e ofendido é uma ova! Comprado e vendido. Safardana e omisso. E sem utilidade pública nenhuma, diga-se. Apenas sobrevivendo numa sombra do boi vergonhosa, fina flor da calhordice vigente. E atirando culpas à censura da ditadura tupiniquim.

Jeitoso e sabido, de um jeito ou outro, ao longo do caminho, nem tão tortuoso, acabará escrevendo elegante e bonito, brilhoso sempre, reportagens otimistas, agradáveis e construtivas, finórias e premiadas.

Ou pior. Folhetos de propaganda que cantem a vida, boletins que pintem um governo eficiente. Não rilhe os dentes. Governo

é governo, e o que você fez para merecer um melhor? Se humilharam as nossas cidades e as fizeram perder a identidade e a vergonha, se mais da metade da população – isto, dance conforme a música e use *população* e não *povo*, *lavrador* e não *camponês* – passa fome ou não tem onde morar, isso não está dizendo nada. O escritor fará trabalhos edificantes e modernos. E bem, que álibi há sempre um. Na Índia ou no Camboja as desgraças são mais monstruosas.

Sérgio. Como ninguém, pedia ovo estrelado e comia com farinha de mandioca. Ou tocava para o Parreirinha, de mulata a tiracolo. Um homem que estudou na Suíça e que viu, em menino, Paris. Europou, mas gostava de mulatas e, uma noite, lá na Praça Marechal Deodoro, uma delas disse que o doutor Sérgio Milliet era homem de bom coração e dava remédios de graça. Ela o adorava e ele não escrevia reportagens apologéticas ou folhetos brilhosos.

Desaprendi a pobreza dos pobres e dos merdunchos. E, já creio, aprendi a pobreza envergonhada da classe média.

Os tempos, outros. Provavelmente não fazem mais aqui seus lanches os pintores, os atores, os vagabundos. Essa gente morreu e a cidade ficou outra. Os que restam circularão por cantos diferentes de que sequer desconfio. Enricaram?

Eu não penso porco.

Mas o que ficará onde, agora, nesta cidade? Onde diabo, em Jaconã, Lapa, Piqueri, Vila Alpina ou Jabaquara se terá encafuado Germano Matias, sarará e dos sambas?

“Preços do princípio do século com mensagens de paz inteiramente de graça.”

Sim... Só não considera que estamos numa fábrica de neurastenias e este tempo, se tem uma verdade, é a de que ninguém mais tolera ninguém. E pressa, não se sabe para quê, mas há.

Rango, ragu, raguzar. Rangar. Sei que se come bem, quente, variado, muito. Isto ela dá aos que têm. Você zanza às quatro da manhã pela São João, só olho aberto de restaurante e botequim. O pessoal lá, traçando feijoada, pizza, bacalhoadada, no quentinho. Os vagabundos e os eira-sem-beira, os vidas-tortas passam e pensam. Aqueles vivem um vidão.

Uma gastronomia de todas as raças, metida nos restaurantes ou exposta em tabuleiros nas ruas, esparramando-se de cheirosa. Salgado e doce. Pastéis, esfihas, quibes, ricotas, churrascos, pães-de-queijo, empadas, curaus, comilanças, tutus, *apfelstrudel*. Estrangeiragens.

A rapaziada chegada nos paus-de-arara e descida no Morro do Altino come feijão sem nada. Quando em quando, arranjam cebola, alho e tomate com minha avó. Que, de pena, corre ao orfanato da Lapa, pede e arruma roupa velha, dizendo que dará aos pobres. Aí, os baianos já ficam com duas mudas de roupa, agradecidos. A avó briga, implica, que os quer longe do botequim do Neco, onde rolam cachaça, dominó, carteadado e sinuca, no alto do morro.

Mas se dão. Alguém enviesse contra a velha e, ligeiro, se arma forrobodó, os baianos viram o capeta. Cada homem feito, resolvido, da cara fechada. Ninguém bote a mão na nossa tia.

Parecem filhos. Moram no mesmo terreno, eles e ela, todos num bando. Se costura por dó, se costura. . . ninguém especule. Costura, e fim. De mais a mais, lá não se gosta de curioso nem se joga conversa fora. O falador se dá mal no mundo.

Diz o folheto, aqui na mão: “Em São Paulo, comer é um despotismo”.

Buzinam feito punhais. Tráfego congestionada, arrepia, esbafore e desnorteia gente aos encontrões nas calçadas, rumo aos minhocões, freadas metendo medo e susto neste local de conflito, também chamado rua. Bate-me uma frase ouvida em menino, no mercado, à beira do Tamanduateí: “Parece nascer gente do chão”. Digo baixinho, brincando. Imagino a fala de minha mãe, simples, direta, arremedando aquilo e quebrando a seriedade: “Parece nascer gente, carros e outros bichos do chão”.

Ainda não chiei, azedo; tento manter uma linha que não tenho. Mas hoje me fica difícil suportar esta cidade três dias seguidos. Meus fantasmas vão soltos nas ruas.

Bobείο. Entre engraxates, esmoleiros, policiais, gente empaletozada, poucas falas, tristes, expedienteiros, homossexuais, executivos apressados, brilhosos em seus ternos e pastas; muitas, as classes, passo.

Limpinhos. Os mãos limpinhas. Ah, os vendedores enternados, pastinha 007 sob o braço, insistentes em levantar algum tipo de simpatia, carregados do ar profissional de otimismo, afetado, oferecido, aprendido mal nas duas semanas noturnas de cursinhos americanizados de vendas, e que ficam entre o acaipirado de suas origens e os seus ternos da moda, falsamente bem caídos. E ares convictos; de quê? Figuras passadas a ferro mas escondendo mal a angústia, o draminha, o dramalhão ou o drama de viventes autômatos.

Esquina da São João com Avenida Ipiranga. Na multidão, peitando e peitado, um maluco de capa esfiapada, batendo-lhe nos pés, berra um pedaço de marcha carnavalesca, que os passantes não ouvem, que não param. Mas pego os gritos em cheio:

— Você conhece o pedreiro Valdemar?

De janelas abertas, feito olhos saídos de caixotins, os prédios parecem olhar os homens, com ausência.

Não quero. Mas persigo, atrapalhando-me, algum sentido na fala do infeliz, que vai gritando e não cantando a frase melódica. Ele já vai longe, numa agitação de passadas rápidas, tropicando nas pessoas. Some pela esquerda da Rua 24 de Maio. Você o perdeu e ainda bem, penso.

— Você conhece o pedreiro Valdemar?

Olho, olho aí, o país. O da gente, assim aturdido, mais parece uma criança em que todos, os de dentro e os de fora, batem.

Chegam arados de fome, amedrontados, arrepiados de frio, batem os dentes à noite. Assim que arrumam um dinheiro e

começam a se aprumar, compram sanfona. No terreiro do morro, aos domingos, tocam e dançam baião e xaxado que o pessoal do lugar, mais para caipira, diz xote e rancheira. Uma sanfona e um triângulo. Todos de sandália. Mas um alegrão invade a vida daquela gente.

— Você conhece o pedreiro Valdemar?

Engulo café no Jeca, quente e de pé, rápido, me pedem pressa. A cidade exige, mais que pede, e vomita os que não convêm. Ninguém lhe pergunta se você quer pressa. Cobram-lhe.

Toco para os lados da Praça da República. Não toco, eu desguio. Volto atrás. Enfio-me no Maravilhoso, uma lenda, com histórias nas rodas da sinuca e na boca das curriolas, um dos salões grandes da cidade. Conta-se. Ali, na primeira mesa do centro bateram-se e comeram-se, um correndo por dentro do outro, afiados e lisos, indo e vindo e dissimulando, rápidos ou pachorrentos, águias acostumadas, pacienciosas, cobras criadas, donos, coleiros dos sete estrelas, machuchões de piso e peso, tinindo e descartando recursos, escondendo o leite, dando açúcar ao adversário, os valentes Carne Frita e Lincoln. Na parada de cobras enfezadas, picardos adonando-se do pano verde, senhores, arreganhando os dentes da piranha ou fazendo batida inocente, carinhando as bolas coloridas ou enfiando de estalo, na porreta-da, na maciota, no tapa leve, na manha, no chega mais, no diálogo carinhoso com as bolas, vem cá, minha santa, amor, boneca, num joguinho enjoado, ladrão, forte e dificultoso que durou doze horas. Derrame do cão. Teve a curriola conhecimento antes da

coisinha acontecer. E o encontro badalado correu as bocas da cidade, de salão em salão, em chegando o seu dia, recolheu dinheiro vivo, pororó, bufunfa, arame, vento, saracutaco, tutu recon-tadinho de apostadores coiós, basbaques, panacas que vinham cheios de gula dos quatro muitos cantos da cidade. Os babaquaras sapeando, rondando, espiando à volta da mesa e os dois cobrões se pegando, se medindo, negaceando, oferecendo e escondendo a bola da vez, tacadas longas quilométricas de trinta pontos, arrasando, quebrando e furtando o parceirinho, dando bandeira, num jogo que na continuação, na lógica e na ciência do joguinho, vencedor não daria, não. Os babaquaras, os cavalos, os mocorongos em volta da mesa, como uma besta de muitas cabeças, claro que não olhavam o estilo do jogo. Então, se calcula, se tem intuição, se presume – e certeza ninguém tem – que Frita e Lincoln, vivaços, acordados igualmente, perceberam que havia muito dinheiro. E partiram para o jogo ligados, no marmelo sonso do encobrimento. O que perde um otário não é a gula pela grana, até boa, no ambiente do joguinho. É a afobação que come o trouxa. E os dois cobrões na mesa, no fogo do jogo, taco na mão, certeza, juízo, habilidades no engrupimento, eram só dois homens. Mas marmelavam. E tomaram, de baixo de manha e picardia, do quieto escondido, o dinheirinho imundo e resfolegado de uns trinta deslumbrados que até hoje ainda não sabem onde se escondeu a bola branca – por que foi, por que não foi – que aquele jogo não teve vencedor. Jogaram doze horas, encararam-se escorregadamente doze horas, avan-

çaram e retraíram-se, mancomunados igualmente. O jogo não deu vencedor. Ninguém, de fama ou juízo, de força de persuasão, conseguirá jamais esmiuçar e convencer os otários que eles foram roubados, afanados, furtadinhos naquele jogo, que só por fora acabou empatado. Terminadas as coisinhas da façanha, Lincoln e Carne Frita desatarraxam os seus tacos desmontáveis, limpam o suor da cara, lavam as mãos. Cada um toca para o seu lado. Mais logo, bem mais, na quebrada da montanha, na virada dos ponteiros, se encontram, se topam e, parceiros bons, dividem a grana colhida nas apostas. Os rostos se abrem, magros, num riso cachorro – é um derrame de grana.

Poucos profissionais conheço aqui na minha ocupação de sabidos embelecados, com tamanha e afiada habilidade, consequência e poder de dissimulação. Nela, os mandriões e picaretas dissimulam mal, não enganam sequer a si mesmos e são uns falidos diante da opinião pública. Sequer chegaram a populares. Não conseguindo enganar a si, quem dirá aos outros? Ninguém, acordado, lhes dá crédito. E, houvesse um encontro de contas, ficariam enroladinhos. Futricados. Que baixo, seus... Vão rabis-car suas badalhocas fedorentas e colher apoio das panelinhas. Vão fazer suas mexidas e manobrar, se enfiem nos botequins da moda, que nem a dignidade de botequins têm. Qualquer pé-sujo ou fecha-nunca de beirada de ferrovia é mais verdadeiro. Qualquer cafofo. Façam essa galinhagem rasteira, essas festivalanças estúpidas e bêbadas. Evitem certos tipos, certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como.

Não reportem povo, que ele fede. Não contem ruas, vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não vêem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever essas coisas. Não podem sentir certas emoções, como o ouvido humano não percebe ultra-sons. Ô caras! Vão xumbregar suas putinhas de coquetel oficial, mijonas, que são quem vocês merecem. A bem dizer, vocês se parecem como duas gotas d'água. Vão lamber sabão ou, não tendo mais o que fazer, vão dar um pouco de bunda! Canalhocratas, cachorrada consentida. Vão, vão... que a parra de vocês é só pros otários, pros salafras, pros coiós das suas parrandas. Eu disse parrandas. Seus paibas, suas marias-judias. Ninguém embarca na conversa de vocês, seus remandioleiros de araque: este país de cento e vinte e mais alguns milhões de pessoas e vocês, fedidos, quando vendem muito, conseguem bater na marca dos trezentos mil exemplares. Vocês não prestam. Suas caras balofas e modais refletem um ofício porco que esquece povo, gente, cidade, tudo. Trezentos mil exemplares. E olhem lá. Um fiasco, seus... Seus ventríloquos de luxo, apanhadores de notas a que xingam, importantes, com o nome estrangeiro de *releases* oficiais, bonecos de engonço. Ou punheteiros, masturbalícios. Uns papagaios enfeitados, enfatiotados, uns cavalos escovados em paletós e gravatas. Vocês não passam de sabujo. Rasgando o verbo, o jogo em que vocês estão metidos é mais perfeito do que suas ladainhas. Tão perfeito que vocês acabam gostando dele. No íntimo, vocês maquinam que chegarão lá: "Caráter? Caráter já era. Só o poder

vale". E, no fundo, a derrocada alheia os diverte, e uma possível escalada, pessoal e indivisível, lhes acende a gana. Jantemos o nosso irmão, antes que ele nos almoce. Não é assim? Mas estão enganadinhos, que esse jogo já tinha ganhador antes de começar. E o chamado quarto poder da imprensa já dançou, meus, há muito e muito acovardado pela ditadura tupi. Aparentemente, assim, vocês avançam alguns pontos. Mas estão todos enredados, complicados, prejudicados. E fornicados. E escapar, um dia, qual o quê! Ou caem nas garras de um ministério qualquer, trabalhando a mentiralhada de um governo que dizem odiar, ou acabam na mão de uma multinacional. Qual a diferença? Não medirão? Estão amarrados, argoladinhos, puxados pelo nariz. Abrir a gaiola e escapar é o qu'eu quero ver: e, aí, ninguém. Aí, o gás acabou. Vocês perderam o jeito, o tempo, a vergonha. A fibra. E não têm coragem para mudar. Vocês sabem, quando não bêbados ou dopados, que não fazem falta alguma. E que o mundo seria melhor sem vocês.

Quantos cantos e extremos, além de quatro, terá esta cidade que ninguém sabe quantos cantos tem? Sabido algum a conhece inteira, a ela que se joga em cinco partes, feito estrela, e intrinca um centro complicado, planta favelas na horizontal à beira de seus três rios – Pinheiros, Tietê, Tamanduateí –, encarapita favelas nos morros e é dissimulada, envergonhada, dada às lordices

nos cartões-postais. Como o Rio, como outras, trata de escon-
der suas mazelas. E mostra o vendável.

Aqui, tudo profissionalizado, faz gosto. Os engraxates, ali-
nhados em fileira, chamando freguês, penduram à parede um
babilaque, documento de profissional autônomo. Os iniciados,
que nem nasceram ontem, sabem, é um disfarce. Um agá. En-
graxate do Maravilhoso, dos salões da Rua Barão de Paranapia-
caba, do Largo do Café, não vive só da graxa. Até o mais morto,
desde que se preze, deve ter mulher na vida se virando para lhe
dar o bem-bom. Mas alardeando, comportados, que pagam o
imposto sobre serviços.

Adentro. Depois da barbearia e da porta de vaivém, o mun-
do verde das mesas. Mudou. Onde foi madeira, se vê fórmica e
acrílico. Lâmpada central, circular, virou gás néon. Não está cer-
to um salão de sinuca parecer farmácia. Saio.

Ninguém mais se senta e toma, sossegado, café ou média-
pão-e-manteiga. Não há onde se sentar. Comer é em solidão,
pesado, sem conversa, num poleiro a que chamam de tambo-
rete. E o uísque, falso e batizado, teve entrada. Água e iodo. Até
nos bares modestos. O botequim agoniza, já não se gosta de ven-
der cachaça pura. Causa estranheza e encabula. Envergonha.
Falando claro, cada vez se sabe menos o que é um botequim
nesta terra. A batida e a caipirinha tomando a praça, igualmente
descaracterizadas. Misturações safadas, fricotado, flosô. Metem
água, afrescalham, enfiam vodca, melam a cachaça com açúcar
e, assim, menininhas universitárias, sem quê nem pra quê e sem

onde abanar o rabo, já se enfiam nos bares da Vieira de Carvalho, da Largo do Arouche, da Rua Aurora, a fim de verem um mundo de pobres-diabos que lhes parece tão pitoresco quanto um zoológico. E tão coitadinho.

É raça. Sem dúvida, essas futuras colegas e sucessoras são estudantes que estudam muito. Lá à moda delas e de seus professores. Só tem que encham de desgosto as medidas de quem as vê fuxicando, aporrinhando por aí, amiguinhas do povo e zangadas da boca pra fora com a crise, com a ditadura e o miserê geral. E nomeiam isso de pesquisa social de campo. Cientificamente. Dão um giro, saracoteiam com suas pranchas de acrílico colorido, botam cara preocupada, metem uns tragos da bebidi-nha aguada e ficam alegrinhas ou comovidas, olhos úmidos diante da pindaíba e da crápula. Logo se arredam de volta à casa num bairro de bacanas.

Alguém lhes dê trela.

Um grupo desses me pega num canto da Praça da República. Sou identificado e, rápidas, alimentam a conversa. Jogam teóricas alheias, semântica catada em algum artigo de cientista social, desses que, traduzidos, pontificam nos jornais de domingo em cadernos especiais. Elas debulham entre termos técnicos de mistura a um patuá de gírias sem graça ou força. Fácil, fácil, julgam brilhar. Mas a tal gíria esvazia o peso dos assuntos, e das coisas e das palavras. Sociologia urbana, comportamento do homem citadino, replanejamento dos objetivos... Aborrecem o meu caminho.

Quero escapulir, não deixam. Também não abro o jogo,

finjo ouvir e um pensamento vagabundo me belisca. Fosse tempo da minissaia e veria, quando menos, três pares de pernas brancas, firmes, caindo das ancas e provavelmente desfrutáveis.

Querem informações. Pois dê, ô, cara!

Diga. Aposentaram os bondes, enlataram a cerveja, correram com o sambista, enquadraram até os poetas. Lanchonetaram os botequins de mesinhas e cadeiras; pasteurizaram os restaurantes sórdidos do Centro e as cantinas do Brás, mas restaurante que se prezava era de paredes sujas, velhas! Plastificaram as toalhas, os jarros, as flores; niquelaram pastelarias dos japoneses, meteram tamboretas nos restaurantes dos árabes. Formicaram as mesas e os balcões. Puseram ordem na vida largada e andeja dos engraxates. Na batida em que vão, acabarão usando luvas. Caso contrário, farão cara de nojo ao bater a escova no pisante do freguês. Ficharam, documentaram os guardadores de carros. Silenciou-se a batucada na lata de graxa. Acrilizaram a sinuca. E um sambado nas ruas, grita para ninguém:

— Você conhece o pedreiro Valdemar?

Diga. Diga-lhes que tetéia é essa profissão que vão abraçar. Que, ao longo de quase vinte anos, você escreve e sequer conseguiu, por exemplo, ensinar a alguém a diferença entre assassinio e assassino.

Mas me calo. Essas e outras palavras, se novas, se boas, se disparates, não se alinham no folheto colorido. Ele reza, como pessoas dizem: “tudo bem”. Ausente das garotas, encho as bochechas e sopro, suspiro para dentro e me raspo.

Ressaca se cura com banho de mar. É um mergulho só. O mar está longe desta cidade.

Uns mondrongos que não sabem nada. Que os baianos são ponta de faca, gente ruim, tudo perverso na peixeira, genioso, bagunceiro, desrespeitador da mulher e da filha dos outros. A avó não gosta que se fale assim.

Vou, venho e me atrapalho, a cidade me foge. O que estas ruas, esquinas, praças me dão, dão noutra cidade, não minha; esta nada tem a ver. Também me falta, agora, intimidade para reavê-la. Houve, alguma coisa rompeu.

Torço as mãos e ando. Houvesse tempo, esperaria o aparecimento das luzes elétricas, os globos de três a três, gringos, na cabeça dos postes. Assim, de um lance, dançando, jogando mais escuros que claros, escondendo as deformações dos edifícios e o sumiço de alguns estabelecimentos, talvez a luz elétrica fizesse surgir de novo a outra cidade.

Esquina da Rua dos Timbiras, menino vendendo amendoim, fachada de um cinema da Ipiranga, riso defronte ao Parreirinha, chamamento de um engraxate que, batucando na caixa, bulisse comigo:

— Vai um pano?

A cidade que o velho me ensinou a ver não era esta em que me mexo. A dele tinha gentes e ruas, árvores, conduções coletivas, idas ao mercado municipal à beirada do Tamanduateí. A minha, agora, fechada entre quatro paredes. Sempre. Passo do hotel para um carro e daí toco para um coquetel num salão; depois, as paredes de uma secretaria ou redação. Nessas quatro, grupelhos proliferam. Bebericam, conspiram, politicam, fechados em si, armando campanhas, cinismos e mordomias. Golpes, rasteirices.

Minha cidade de meu pai não chegava pelos brilharecos publicitários de um folheto que leio profissionalmente, com nojo. Nunca o pai gabou a Praça da República, falando de uma arte que ela não tem.

“Você encontrará moedas antigas, artesanato, selos, quadros, rapazes cabeludos e moças sardentas. Um mutirão de artistas. Sinta, veja, avalie.”

Principalmente avalie e faça negócio. Avaliar o quê, meu folheto empulhador? *Hippies* de butique, macaqueadores, ondeiros, engambeladores de turistas e incautos?

“Os preços são do princípio do século; as mensagens de paz, grátis.”

Sim...

Em pouco, os baianos do morro, mal e mal aprumados na vidinha, aos domingos e feriados, comem uma carne, uma galinha, farofa. E a sanfona se abre, rasgando. A avó, quando os vê ali

festando, sorri, faz uns olhos claros atrás dos óculos e só não gosta se é forró encabrochado e calibrado na pinga. Para ela, bebida e mulher enxodozada caruncham, mamam o juízo do homem. De mais a mais, quem gosta de esbórnica é presepeiro. Homem que bebe dá pra troncho, encapetado. É descabro.

Aí, um dos baianos levanta a mão em que segura uma costeleta de porco e anuncia, boca brilhando de gordura nos cantos:

— Esta é a bandeira da paz!

Esquina de Timbiras com pedintes que importunam, humildes, friorentos, mal-encarados e que procuram olhar nos olhos dos passantes para arrancar-lhe algum, enquanto mulheres atochadas de pintura na cara chamam às piscadelas e a um e outro sinal de mão. Umas, mais ataçadas ou gastas, passadas, botam as línguas pra fora. Com o indicador colado ao polegar, em círculo, balançam a mão direita, feito asa de borboleta, mandando o gesto convencional de quem mercadeja as três partes do corpo.

E é esta umidade, nenhum sol, frio batendo, tocado pelo vento, vindo de um corredor que parece canalizado dos longes da cidade. Vai fundo no corpo.

Cadê Germano, que fazia batucada na lata de graxa e falava na Praça da Sé?

— Você conhece o pedreiro Valdemar?

Tem cinemas, teatros, livrarias, plásticos, restaurantes, hotéis,

acrílicos, néons, boates, fórmicas e os melhores cimentos armados do país. Isso, a que dão o nome de progresso, terá a ver com a gente, com o nosso andrajo, fomes e complicada solidão? Uma sanfona, um triângulo no Morro da Geada na mão bruta da baianada, um feijão e uma carne no forró; a abóbora, o jirimum; a carne-seca, o jabá deles – alegria.

A Praça da República fica mais fria. Eu não vi um realejo.

Ganho o andado de novo. Esta mania xereta e prepotente de continuamente, até por vício, fuxicar, cavoucando a notícia. Evito, que me parece uma deformação mesquinha e monstruosa. Para os lados da Rua Aurora e evito olhar a carcaça escura, roída, esqueleto preto chamuscado, carcomido e seco e violado do Edifício Andraus depois do incêndio. Mas me queimam a cidade – trocam, destrocam, derrubam, destroçam, mudam –, me roubam a cidade, onde a enfiaram? E me encomendam mais uma reportagem edificante sobre ela.

Quiquirica-se ainda nas redações a necessidade de matérias humanas. Com historinhas, empostam. Humanas e boas. Nenhum sabido da profissão fez o inventário dos sonhos impossíveis que embalaram essas vidas perdidas no incêndio.

Um homem empanturrado não pode entender um faminto. Disso sei. Mas já sabiam antes de mim os russos e escreveram isso há mais de cem anos. Em todo caso, me permito: um incên-

Ressaca se cura com banho de mar. É um mergulho só. O mar está longe desta cidade.

Uns mondrongos que não sabem nada. Que os baianos são ponta de faca, gente ruim, tudo perverso na peixeira, genioso, bagunceiro, desrespeitador da mulher e da filha dos outros. A avó não gosta que se fale assim.

Vou, venho e me atrapalho, a cidade me foge. O que estas ruas, esquinas, praças me dão, dão noutra cidade, não minha; esta nada tem a ver. Também me falta, agora, intimidade para reavê-la. Houve, alguma coisa rompeu.

Torço as mãos e ando. Houvesse tempo, esperaria o aparecimento das luzes elétricas, os globos de três a três, gringos, na cabeça dos postes. Assim, de um lance, dançando, jogando mais escuros que claros, escondendo as deformações dos edifícios e o sumiço de alguns estabelecimentos, talvez a luz elétrica fizesse surgir de novo a outra cidade.

Esquina da Rua dos Timbiras, menino vendendo amendoim, fachada de um cinema da Ipiranga, riso defronte ao Parreirinha, chamamento de um engraxate que, batucando na caixa, bulisse comigo:

— Vai um pano?

A cidade que o velho me ensinou a ver não era esta em que me mexo. A dele tinha gentes e ruas, árvores, conduções coletivas, idas ao mercado municipal à beirada do Tamanduateí. A minha, agora, fechada entre quatro paredes. Sempre. Passo do hotel para um carro e daí toco para um coquetel num salão; depois, as paredes de uma secretaria ou redação. Nessas quatro, grupelhos proliferam. Bebericam, conspiram, politicam, fechados em si, armando campanhas, cinismos e mordomias. Golpes, rasteirices.

Minha cidade de meu pai não chegava pelos brilharecos publicitários de um folheto que leio profissionalmente, com nojo. Nunca o pai gabou a Praça da República, falando de uma arte que ela não tem.

“Você encontrará moedas antigas, artesanato, selos, quadros, rapazes cabeludos e moças sardentas. Um mutirão de artistas. Sinta, veja, avalie.”

Principalmente avalie e faça negócio. Avaliar o quê, meu folheto empulhador? *Hippies* de butique, macaqueadores, ondeiros, engambeladores de turistas e incautos?

“Os preços são do princípio do século; as mensagens de paz, grátis.”

Sim...

Em pouco, os baianos do morro, mal e mal aprumados na vidinha, aos domingos e feriados, comem uma carne, uma galinha, farofa. E a sanfona se abre, rasgando. A avó, quando os vê ali

festando, sorri, faz uns olhos claros atrás dos óculos e só não gosta se é forró encabrochado e calibrado na pinga. Para ela, bebida e mulher enxodozada caruncham, mamam o juízo do homem. De mais a mais, quem gosta de esbórnica é presepeiro. Homem que bebe dá pra troncho, encapetado. É descabro.

Aí, um dos baianos levanta a mão em que segura uma costeleta de porco e anuncia, boca brilhando de gordura nos cantos:

— Esta é a bandeira da paz!

Esquina de Timbiras com pedintes que importunam, humildes, friorentos, mal-encarados e que procuram olhar nos olhos dos passantes para arrancar-lhe algum, enquanto mulheres atochadas de pintura na cara chamam às piscadelas e a um e outro sinal de mão. Um, mais ataçadas ou gastas, passadas, botam as línguas pra fora. Com o indicador colado ao polegar, em círculo, balançam a mão direita, feito asa de borboleta, mandando o gesto convencionado de quem mercadeja as três partes do corpo.

E é esta umidade, nenhum sol, frio batendo, tocado pelo vento, vindo de um corredor que parece canalizado dos longes da cidade. Vai fundo no corpo.

Cadê Germano, que fazia batucada na lata de graxa e falava na Praça da Sé?

— Você conhece o pedreiro Valdemar?

Tem cinemas, teatros, livrarias, plásticos, restaurantes, hotéis,

acrílicos, néons, boates, fórmicas e os melhores cimentos armados do país. Isso, a que dão o nome de progresso, terá a ver com a gente, com o nosso andrajo, fomes e complicada solidão? Uma sanfona, um triângulo no Morro da Geada na mão bruta da baianada, um feijão e uma carne no forró; a abóbora, o jirimum; a carne-seca, o jabá deles – alegria.

A Praça da República fica mais fria. Eu não vi um realejo.

Ganho o andado de novo. Esta mania xereta e prepotente de continuamente, até por vício, fuxicar, cavoucando a notícia. Evito, que me parece uma deformação mesquinha e monstruosa. Para os lados da Rua Aurora e evito olhar a carcaça escura, roída, esqueleto preto chamuscado, carcomido e seco e violado do Edifício Andraus depois do incêndio. Mas me queimam a cidade – trocam, destrocam, derrubam, destroçam, mudam–, me roubam a cidade, onde a enfiaram? E me encomendam mais uma reportagem edificante sobre ela.

Quiquirica-se ainda nas redações a necessidade de matérias humanas. Com historinhas, empostam. Humanas e boas. Nenhum sabido da profissão fez o inventário dos sonhos impossíveis que embalaram essas vidas perdidas no incêndio.

Um homem empanturrado não pode entender um faminto. Disso sei. Mas já sabiam antes de mim os russos e escreveram isso há mais de cem anos. Em todo caso, me permito: um incên-

dio, o sente quem já teve a casa pegando fogo e, depois, só a roupa do corpo.

Há o pior. O pessoal acaba se acostumando a incêndios e calamidades, como se acostuma a conviver com as notícias de tortura, com as matanças da Baixada Fluminense e os estupros nas cadeias.

Mas a idéia dos mortos no incêndio, provavelmente uma gente sem alegria em canto algum daquele prédio – porque ninguém vai a um centro das nossas cidades com alegria – e só trabalhar e pelejar para comer... Vi a tragédia de longe, a quatrocentos quilômetros, e li, folheei, horror, olhos baixos nas revistas. Devo ter dito: “Chega!”.

Minha esferográfica vagabundeia no papel da mesa do boteco. Faço um jogo de palavras que forma alguma coisa rimada. Torresmo, esmo, mesmo.

Aqui neste botequim, a esmo, enquanto bebo e masco o torresmo, há quanto tempo não tenho notícias de mim mesmo.

Besteira. Antigamente, para dizer ou mentalizar que estava aturdido, simplesmente me bastaria um: estou mais perdido do que uma mula numa garagem. Está aí. Perdi a linguagem no verbalismo palavroso da profissão.

Agora, de onde beberico chope gelado e lambisco rodelas de salame, vejo lá na umidade da rua a chegada do cami-

nhão enorme e dos homens nus da barriga para cima. A carroceria é aberta pela lateral, os homens de bíceps saltados se põem a lutar com as bobinas gigantes de papel, redondas e compridas, para a gráfica aqui vizinha. Os ferros estalam seco entre a carroceria e o meio-fio, a lida começa. As correntes puxadas no braço, cautela e tensão, o grito de um deles comandando a descarga.

Nos bares, depois do expediente, meus colegas, nem tão indignados quanto raivosos, chamam contra a censura. Fico em dúvida se não será mais fácil encarar e driblar a censura do que enfrentar o serviço dos carregadores.

E eles, de peitos nus, não sentem frio.

A esferográfica garatuja. Este país é um azougue. Corrijo. Este país é um açougue.

Um raiozinho de sol triste na Praça Júlio de Mesquita. Nos bancos brancos, babás friorentas, um que outro pai de família cooperante, uns expedienteiros, minha canseira nas pernas, nos joelhos, que o frio ataca. Tento quentar o sol ralo, brancoço.

Quem se senta é por cansaço, não para olhar, nem nada. Ali no pedaço do Cine Oásis, ponto obrigatório dos da noite, o comércio mixurucou. Atende aos pés-inchados e aos suburbanos que podem comprar no centro da cidade.

Perde e ganha, ganha e perde, perde e ganha, ganha – ganha.

O comércio, calculadamente. Frio e medidor, enfeitado, o folheto de publicidade adoça deslumbrados desprevenidos.

“Você encontra facilmente diamantes e outras pedras pelas ruas de São Paulo. Imaginamos que você é uma pessoa muito sofisticada, que deseja realçar sua beleza ou dar a alguém um presente maravilhoso.”

A avó, no Morro da Geada, dá de presente aos paus-de-arara as camisas que costura, tecido arranjado, favor e esmola, no orfanato da Lapa.

Logo caio em mim. Não foram os jornalistas que encomendaram ditadura, mas são eles, principalmente, quem a têm no lombo. Nem pediram políticos biônicos. Também não inventaram a sociedade de consumo.

Mais buracos e rondas policiais do que diamantes nas ruas. Isso, não me dizem. E nem para onde correram com o samba levado na lata de graxa. Onde, o sarará?

Sento-me. O banco antigo e bom, de armação de ferro batido e madeira repintada da Praça Júlio de Mesquita. Duas donas de casa fazem vezes de babás, mãos embalando os carrinhos dos nenês e lamentações de preços. Um síndico é ladrão.

Frio, faz. Marcho, sem me deter, passo pelo Moraes, o antigamente melhor filé da cidade.

Artistas, jornalistas, cronistas, agiotas e parasitas, turfistas, vigaristas e porristas, gente vital, inteligente ou vivaça, importante, basbaque, curiosa ou remediada. Do turfe era QG e também da caftinagem alta, à tarde. Das mulheres do teatro de

revista, dos rufiões da Boca do Luxo, nas madrugadas. E da agiotagem de sábado e domingo feita à sombra dos programas vespertinos da Cidade Jardim a trinta por cento descontados no ato. Hoje, o filé ainda é o filé. Mas o Moraes trocou de roupa. O sórdido, o de paredes imundas, frequência firme e calibrada, agora limpinho, com ares de vidro fumê e luminosidade de laboratório ou hospital. Camuflado, tapado pela porta de vidro que não devassa, fumê falsamente insinuante. E ficou quieto. Quem passa por fora não vê os inimigos, os amigos, os ladrões, os carecas, gordos, crápulas, garçons, famosos, mulheres. Antes, barulhava de donas. Irão mulheres hoje ao Moraes?

A fórmica. Um comportamento asséptico ganhou o lugar das risadas, charlas, papos sem amanhã. Se era madrugada, a gente passando ouvia o vozeiro. A casa tem, agora, luminoso vermelho e verde que, à noite, acende e apaga, como precisando anunciar que existe.

Vejo o Cine Oásis. Tive mulher em *taxi dancing* lá pelas bocadas da Avenida Rio Branco, os dois nos cruzamos, primeira vez, numa fila de ônibus da Quarta Parada. Era Lola, de nome de guerra e mulata, de ancas largas e pescoço fino, lisa no samba, cabrocha e matreira sim, uns olhos que me pegaram, rapaz. Arrumava-me com ela e ardemos na felicidade. Que eu era um menino naquelas mãos e, sei lá a causa, coisas de mulher, caí em boa graça, levei uma sorte. E era uma mina. Aprontadinho e leve, picardo nas firulas de salão e bom nas engarfadas, trazendo sempre sapato de solado de couro inteiriço, dançava sem pico-

tar o cartão, fazia alguma figura ao lado dos cobrões do *dancing*. Depois, agarramento. Depois, pra lá das quatro da matina, vencida a noite, ela me pagava o jantar nalgum praticamente fecha-nunca, tipo adega do Largo do Arouche, o Parreirinha, o Tabu ou o Moraes, o próprio, do filé falado e das rodas boêmias no rabo da manhã. Rangávamos os dois e íamos para o hotel, hotelzinho lá na Rua João Alfredo, já beiradas da Glete, aninhados num pegadio atracado, xodó. Pra lá de bom. Assim chamegados, como brigávamos, e feio, por tudo e nada. Era um calor, então. E eu dizia que não voltava. Alguma vez, assim, fiquei sozinho, debaixo do frio, esperando o bonde Anastácio para voltar, desabonado e amado mal, sem janta e sem dança, para a casa no subúrbio. Aí, doía. Já fraco da moral, dois-três dias depois, baixava ao táxi da Avenida Rio Branco, mas empertigado e dono, todo calmo por fora, girando no salão com outra e firulando no assoalho parafinado. Claro que nossos olharem se cruzavam, mediam, queimavam, sofriam até o entendimento. Até se comerem. Necessário, também, que eu jogasse a baba de quiabo, a conversa escorregadia e doce, açúcar, aprendizado feito na zona, nos *rendez-vous*, nas pensões alegres, assim chamadas. Polpuda, mulata, vai-não-vai, gostava. Era bom que eu lhe pedisse arrego, cheio das candongas, carinhoso. Mas dobrando. Então, já saído, eu convidava para a sessão de cinema só frequentada por sabidos e malandros, dos que não têm dia da semana e podem ir dormir às tantas. Da meia-noite às duas no Cine Oásis. Feito namoradinho. Depois de um denngo frouxo mas

com indolência, meiguice, ela topava. Eu contava com trabalhá-la na escuridão do cinema e ela contava com isso. Logo mais o restaurante e tudo, o hotelzinho, a estripulia no quarto, o alegrão. E o dormir engalfinhado.

Quando não era assim, era...

Havia dolência.

Jogo o cigarro, me enfio para o Largo do Arouche. Ver as flores.

Não é brinquedo.

A percussão do samba na lata de graxa vantagem leva adiantada sobre a frigideira.

Fui ao festival de música popular no Municipal, levado pela mão de meu pai. Samba e choro. E samba chorado. Heitor dos Prazeres riscava na frigideira com majestade, propriedade de quem toca um violino. A limpeza de quem segura o arco do violino, velho das elegâncias, machucho de talento, um lorde vestido. Depois se revelou pintor e lhe pespegaram a categoria de primitivo, pois essa gente sabida que manda nos jornais e revistas sente faniquito de rotular tudo e todos. A frescurada não tem nome, nem medidas, não sabendo onde está o sublime ou o ridículo. É.

Já Germano Matias repinicava na lata de graxa escarrapachadamente, samba subido ou descido da Barra Funda, do Largo

da Banana, da Alameda Olga, com escala posterior pelos Parques Peruches. A lata de graxa dá um som mais fraquinho, estridente, que não é o da frigideira. Som oquinho, moleque, serelepa algo debochado, catimbado. Isso, catimba. A frigideira vai longe, a lata de graxa manda para perto do ouvido. E da gente. Mas tem que o sarará desenvolvia um repinicado gingado, atiçado. Viu uma faca correr no prato, no samba? Pois é. Bonito. Assim o sarará batia a lata de graxa.

Dou de frente com guardadores de caras enfarruscadas, engraxates descoroçoados, sequer chamando o povo passante, tipos ajambrados mal, caras de frio, rugas, indiferenças, entojos ou pequenos escárnios. Em que canto se enfiaram, claras e não bronzeadas, as mulheres bonitas? E as crianças? Você está por fora, meu camarada, mais por fora do que bunda de índio. Você passou, parceiro, aquela sua cidade não existe mais. Toque daqui.

Há no país uma classe de homens sem remédio, os de memória. Tachados de saudosistas, chinfrins e velhos precoces, acabam falando sozinhos.

“Em São Paulo a noite é sempre uma criança. A noite paulistana o embala com toda a alegria que uma noite pode ter. As boates são famosas e animadas, os teatros mais modernos, os cinemas mais confortáveis e atualizados e um mundo de restaurantes.”

Não vá eu, acariocado de araque, retrucar que paulista come por compulsão. Tem mais, brinco comigo, na linguagem intelectualóide: depois do quinto ou sexto copo, a minha única metafísica acaba no mictório. Não tripudie, pois, que este viver

nesta cidade é tão ruim, que as pessoas trabalham continuamente até para esquecer que vivem nela. E, terrível, não esquecem.

Não se fala em batucada na lata de graxa.

“Na noite de São Paulo você esquece que o dia vai nascer.”

Sim. Desde que não se conheçam pessoas que esquecem o nascimento do dia em volta das mesas de jogo, dos plantões dos hospitais, das delegacias, das redações de jornais, das esquinas de esmoleiros e dos quarteirões de mulheres fazendo a vida. Uma gente que gasta a vida pelejando e notícia não tem de boates de nome hindu ou japonês, uísque escocês, perfume francês.

A avó lá no morro diz que pobre não luta, disputa. Vive de teimoso que é, e sua alegria, se tem, fica no dia do pagamento. Que a inflação come, claro. Mas eles remendam, pois... pois é isso.

Já tio Domingos, carpinteiro e saído a meu avô, marceneiro, pedreiro, faz-tudo, arrumou na tal peleja uma tremura nas mãos, pneumonia sarada mal, que o bota nervoso ao martelar um prego. E vai trabalhando, abespinhado com as ferramentas.

No folheto de papel brilhante, elegância afetada, renitente. “No Largo do Arouche você compra flores e leva junto muito amor e um clima inefável de *belle époque*.”

Porque foi, porque não foi, no meio de um dos goles de chope, resolvo ir para casa.

A travessia da Avenida São João para ganhar a Duque de Caxias e tomar, finalmente, a Estação Júlio Prestes é difícil, me confunde e dificulta, o frio me bate nas pernas e driblo o tráfego, mal e mal. Há a ressaca, o cansaço de vir do Martinelli a pé, e não

tenho a intimidade garota dos trombadinhas com o trânsito, que fintam pelo meio da rua como num campo de pelada. Germano Matias driblava elegante, fino na batida da lata de graxa, na roda, lá no Largo da Concórdia, no Bar do Justo, onde a gente bebia cachaça e tirava gosto com lingüiça, camarão ou rã, carne-seca ou carne de cobra assada, que aprendemos a comer com os japoneses chegados da lavoura.

Este frio! Passos curtos e corridos, nenhuma desenvoltura a estas seis da tarde, hora arrepiada, patolada, infernizada do *rush*. Pego a Avenida Duque de Caxias, um corredor comprido e largo, onde carros se multiplicam na volada e desembocam na rodoviária e na estação de ferro. Vento despeja uma estirada que vai nos ossos.

Nas bancas de jornais, primeiras páginas berram. Há um bebê-diabo nascido no coração do ABC, no Dia das Mães, apavorando a opinião pública, desnorteando chefes religiosos, além de vender cento e cinquenta mil exemplares diários. Alguém entope os bolsos todos os dias. A meningite acena, baixa socando os lados de Osasco, onde um escândalo envolve um convênio do governo e fala-se em nova crise corintiana, temperada pela frente macumbeira do Jabaquara. Uma perspectiva de avanço na alta da Bolsa de Valores.

Canseira chegando às pernas, que vim apertando passo, atravessando a Duque de Caxias, entre buzinas. Petrobras ao portador comanda a ascensão. Alguém, alguns lotam os bolsos. Trabalhadores na correria rumo às conduções difíceis, lotadas. Tocam.

De desocupados é o pé da estátua do Duque de Caxias, na Praça Princesa Isabel, onde o encontro das duas avenidas favorece mais rajadas de vento que se encaenam. Com seus casacões, alguns viradores batalham no pedaço. Os homens da Boca fazem corretagem na Bolsa de Automóveis, vestidos com limpeza, tapeando o freguês, enfeitando o pavão. Para dentro dos autos:

— Vai vender? Vai?

No tal folheto viram folclore com rompante. “Em São Paulo você faz negócios da China. No Centro, próximo ao bairro da Luz, está a famosa Boca. O mercado de automóveis usados nesta área é qualquer coisa de...”

Suplicantes. Olhos espetando os volantes, de meio manso ou manso desesperado, o chamamento dos sujeitos da Boca, polegar dobrado para cima, se movendo no ar, pés ansiosos, hábeis de lá pra cá, inquietos e familiares ao trânsito:

— Vai vender? Vai?

Outra palavra no folheto brilhoso, multidão. A maior rodoviária de quantas o país tem, mais moderna da América do Sul, aglomerado, mixórdia, misturação, formigueiro, solidão, adeuses, ajuntamento de gentes urbanas e não, multiplica tipos interestaduais, nordestino e caipira, gringo e mineiro, vontades, pressas, camelôs, polícias, gente estirada no chão, emigrados ou que partem, e faz pular arreliado, com ansiedade, sofrido, um monte de pessoas. É preto-e-branco fazendo o lado real, por dentro. Por fora, acrílicos coloridos, altos, gigantescos, e armações, escadas rolantes, estruturas niqueladas, proliferam pesos e

formas que se transmudam e eclodem num todo utópico e acaipirado. Fica ridículo e viajero, insustentável, como se estivesse em provisoriado. Sempre.

Não é uma tarde *gris*, como as do tango. A tarde é porca.

Nem há mais tempo. Acabei e só acabei meu dia. Que não pare nos botequins e muquinfos dos escuros da Alameda Cleveland, pegados à Estação Júlio Prestes. Ou do lado de lá, dos hotelecos de mulheres, não beberique como noutro tempo, minha cachaça com cerveja e torresmo de tira-gosto. Nada.

Enfio para a fila das passagens do subúrbio. Entro no saguão ensebado, que a iluminação parca clareia mal.

— Baleiro. Baleiro, bala.

Inda que a polícia ronde por perto, a gritaria dos moleques baleiros e dos vendedores de amendoim e trecos, magros e vivos. Esmolambados, se enfiam no sufoco do povo passante, teimam. E vendem. As vozes finas, quase adolescentes, saltitam no pátio enorme de cimento frio, dançam aqui e ali, fintando vigias. E ficam no ar, moleques:

— Baleiro, bala.

Presilhado, aos solavancos, aos cotovelões. Sou empurrado e espremido para dentro do trem e entro debaixo de encontrão. Na tropelia, um pensamento. A palavra vagão, proibida aos jornais pelos órgãos oficiais, só deve ser usada para transporte de carga ou animais. Assim, que culpa terão os jornalistas com uma ditadura no lombo, além dos patrões? Alguns, mais afoitos ou rebeldes, estão comendo processos ou cadeia.

Nos carros não há bancos, o estofado foi arrancado, faca, estilete, ou mãos. Sobraram as molas, feias, nuas. Ninguém se senta ali sem rasgar ou sujar calça ou camisa, vestido ou pernas. Viajaremos todos de pé, olharemos os bancos em que não podemos nos sentar. Enquanto sou apertado, bato os olhos lá fora, e medo.

Há um praça, arma ao ombro, cara quadrada nos espia, raioso ou debochado. Sentirá nojo? Os coturnos brilham, polidos, a camisa de zuarte é limpa, o capacete comporta e emoldura a cabeça do soldado que expõe bíceps enormes, tríceps enormes. Homem alto e de atentas abas no nariz. Cara carregada, olho se mantém atizado e vivo, horas. Traquejado para guardar. A impressão é de que pode partir e violentar por um nada, até por um susto. Ou engano. Todo ele tenso nos sonda, medidor. Sou apertado e, em segundos, tenho braços paralisados, vou sendo comprimido pelos cantos do corpo, o suor começa na testa, na orelha e na nuca. Só posso me movimentar do pescoço para cima.

Lá fora, as vozes dos moleques insistem, num cantado:

— Baleiro, bala.

Se me escruncharem os bolsos, se me pisarem, me chutarem, me arrancarem os botões da roupa, se me tirarem os sapatos, se me cotovelarem, sequer conseguirei endireitar o espinhaço, me empertigar. E um grito seria como um rilhar de dentes, um estalo de boca, nada. Suo.

Nas portas apertadas, insuficientes, que dizem automáticas, primeiros pingentes. Meninos balangam ao vento frio do lado de fora. Suo, suamos, cá dentro.

Para quem toca para os cantos industriais, ABC num pólo, Osasco no outro, a poluição em quase tudo. Olhos, nariz, pele, cabelos, roupas, pacotes passam a sujos, viscosos. Os olhos, de irritados, chegam a chorar sem querer. A fuligem se impregna como uma camada plástica descendo sobre a roupa e o corpo.

Vão portas abertas, entupidas de pingentes impedindo a entrada do ar. Aqui, calor; a quatro metros começa o frio, o mesmo das ruas. Cá na espremeção, imóveis, abafação, vamos de pé e sem uma palavra.

Dez, doze minutos. O trem parando na Barra Funda, freando num estalo guinchado. Mesmo os corpos oprimidos se chocam, se relam, balançam nas composições.

É o lusco-fusco, em algum lugar hora dos pardais e dos namorados, luzes começam a se acender, e a estação mostra na plataforma, sem abrigos no pedregulho miúdo, as caras de operários de volta a casa. Homens, mulheres, crianças, rostos cavaram-se, ombros caíram. Estes fazem a gente destes lados.

O jornal dava. Nasceu o bebê-diabo com rabo, chifres e falando.

“Ela é mais. É a rua das butiques elegantes e passarela do charme local. Um ponto de apontamento dos motoqueiros e das gatinhas incrementadas nas garupas que arrancam e voam no rumo dos bairros-jardins.”

—Você conhece o pedreiro Valdemar?

Do que o sol nasce a que morre, esta gente batalha. Uns

entram a trabalhar pela noite nas indústrias, gramam ali, buscando horas extras. Moram em Carapicuíba, Jandira, Itapevi, Osasco e lidam nō outro lado da cidade. Queimam hora, hora e meia de trem. Viajam de pé, marmita debaixo do braço e os tarecos necessários. Ninguém se fala. Andam sonados, destroncados de cansaço. Tristes uns, inexpressivos outros, feito coisas. Feito bichos, olhos parados de boi.

Esses bancos das composições ainda eram de madeira. Uma vez, garoto, eu ia sentado e veio uma mulher. Onze da noite. Aquela deveria estar com a fome e, na cara, uns olhos mortos de sono.

— A senhora se sente.

Sentar, não. Aí, botei cara séria, insisti, deixasse de vergonha comigo. Então me disse, sem graça, que não se descansava, não. Tinha medo de arriar, dormir, perder a estação em que havia de descer. Era o último trem; e se dormisse?

Apertados, uns nos apoiamos nos outros, no balanço das curvas balangamos todos. Os pingentes, lá fora, tomam vento frio na cara. Não podendo nos segurar em nada, nos firmamos em pé, sem cair, embora o trem jogue, e chegamos à Lapa.

Um trem desses pára. Empaca e atrasa. O pessoal agüenta um, agüenta dois. Três dias, não. A moçada desce e o mulherio também. Correm a mão no pedregulho da estrada. Pudessem virariam a tralha de rodas para o ar. Quem tiver juízo saia da frente desse povo. Ninguém seja besta. Aprontaram, há uns anos, às seis da manhã, ou quase, entre Presidente Altino e Imperatriz

Leopoldina, ali na ponte do Rio Pinheiros, um recacau de que nem caco sobrou.

O trem enguiçara nos trilhos, fazia duas horas. Tempo corria, os passageiros iam perder o dia de trabalho. Aí, o povo virou bicho. Os homens chegaram, a polícia. Alguém chegou? Ninguém é besta.

Lapa. O empurra-empurra é luta, trambolhões entre os que têm de descer e os que sobem de algum jeito. Caras fanadas, crispadas se contraem, e gente acaba descendo ou subindo. Suor, porrada, murro, nem há lugar para delicadezas, as mulheres não fazem fricote, não esperam bons modos. Aqui nos trens vamos mergulhados de cabeça, tronco e corpo numa vida sem retoque ou frivolidade. Mas o lado de dentro da gente ferve. Aí, então, se nos entalam, vem uma depredação, e os sabidos do jornal nos lacram, somos chamados de nomes. Vândalos. Pior é que tempo passa e não há melhoria nos trens. Depredação pouco assusta quem tem a polícia a seu favor. E o povinho toca a vida.

No corre-corre camelado dessa gente, como da baianada do Morro da Geada, o dia inteiro para trabalhar. E ir dormir todos os dias cansado. Dia atrás do outro. Assim se faz e se toca.

Penei a infância aqui, nestas filas e trens encardidos, apinhados. Olhem, isto me bole. Daqui me saí, bandeiei no mundo. Quando volto ao morro, quantas vezes, é subindo feito cabrito escabriado, meio na culpa, de assim... mas também com alegria, porque o pessoal diz, mal sabendo das coisas e me olhando as roupas, que sou feliz como um desgraçado.

Lá em cima, a gente pergunta:

— Meu compadre, como vai?

E o camarada:

— Pelejando.

Trem é escuro, sujo, fede. Não posso, aqui apertado entre fartum, suores, bodum, passar sem irritação e uma coisa me faz olhar esses homens, mulheres, meninos, meninas de cabeça baixa. Fora daqui, por mais que me besuntem de importâncias, fique conhecido ou tenha ares coloridos, um quê me bate e rebate. Foi desta fuligem que saí. E é minha gente.

Feia, caquerada, acaipirada. Cinza, cinza-chumbo, cabelos ruins, carregada de fumaças, lombeiras, mestiçagens, canseiras e cheiros, desengonçada e se arrumando nos barracos erguidos aos sábados e domingos, nas folgas do batente, com caixotes vazios de bacalhau.

Lapa. Mais povo, que a plataforma comprime. Tropelia lá fora, trem parado, sobe-e-desce manda pingentes ao chão que, esbaforidos e fulos, recobram as beiradas a muque, e de novo se agarram. Domingos de Moraes, nova carga, pauleira, saltar e subir, xingação, resmungos, estalos, cotoveladas, trompaços. Sabemos que o sofrimento vai até o fim da linha e possível não será afrouxar, largar o corpo. Leopoldina, o carregamento aperta, po-varêu pulando e subindo, é saída das indústrias.

Trinta anos depois da minha infância, a Sorocabana dos pobres, viradores, biscateiros e operários nos mesmos trilhos. Só mais gente esfalfada.

“Há metrô e outras comodidades, e nos *shopping centers* você encontra de tudo um pouco. Pode assistir a uma fita, comer um *hot dog*, beber um bom vinho e fazer todas as suas compras. Sem andar muito nem ficar exposto ao sol e à chuva. Faça a volta ao mundo em oitenta lojas.”

Vou descer em Altino, encaro o compromisso. Luto. Apertando, apertado empurrando, cara fechada, crispo a boca, não peço licença, uso cotovelos e joelhos. Quando me livro, resfolego como um bicho.

Piso o pedregulho úmido da estação, calado como os outros, cato a passagem de nível, ganho as ruas esburacadas, de terra, onde água poluída se empoça esverdeada no meio-fio.

Não mais prédios, a vista vai se acostumando. Olho as casas baixas, descascadas no sombreado das ruas que a iluminação expõe mal e mal; cães e algum gato vagabundeiam pelos cantos. Sujeitos tristes nas portas, raros nas calçadas. Ou se discute futebol ou se entorna nos botequins. Frio.

A noite caiu. Entro, peço grande e repito, espero arder na garganta. Que lá em cima venta bravo.

E toco a subir no escuro o Morro da Geada. Um pensamento me passa, que empurro. Se tivesse de viver de novo aqui, de onde me viria a força? Vinte minutos sozinho, vento ou pernilongos enormes, pretos, na picada do mato e da barba-de-bode.

Mamãe fica tímida, depois do beijo. Não querendo contrariar, só pergunta, jeitosa, como estou e se volto. E se é para ficar.

Não vou responder, no começo. Eu vou engolir café. Puxar um cigarro, andar para a janela. Como se ouvisse os grilos.

Faço tenção de me explicar, que cheguei tarde da noite. Mas ela é minha mãe:

— A sua arte não permite dois amores.